

A trajetória de um certo Mané: Manoel Conceição Santos

Raimundo Lima dos Santos*

O gênero biográfico surge no século XVIII, na perspectiva de evidenciar o indivíduo como agente importante diante das forças sociais. Na abordagem positivista esses indivíduos passaram a ser percebidos como figuras centrais na história, de forma a negar a importância dos demais na construção dos eventos sociais. Com a supervalorização desse personagem “único”, o conjunto perdeu força e a história ficou centrada em poucos nomes. Rompendo com essa tradição, o marxismo atribuiu aos grupos ou classes o papel de mover a história, mas suprimindo completamente a importância da pessoa enquanto agente fora da estrutura.

Novas técnicas e métodos da história, como os empregados pela história oral (SCHIMIDT, 1997, p. 117) têm sido de grande importância para esse retorno, uma vez que ampliou o horizonte das fontes históricas: memórias, diários pessoais, fotografias, correspondências, dentre outros recursos.

A biografia ressurge como explicativa social por meio de parte do todo. O indivíduo representa parte do conjunto social e entender o “percurso” dos indivíduos pode ser bastante esclarecedor para determinados eventos sociais. “É por isso mesmo que se pode conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma prática individual” (SCHIMIDT, 1997, p. 121). Nesse prisma pretendemos localizar nosso personagem, como alguém capaz de expressar parte de uma realidade sociopolítica sem deixar de considerar o papel dos outros indivíduos e da estrutura.

Outro elemento a ser considerado é a clareza de que a biografia não apresenta a totalidade do indivíduo, ela apenas escolhe aspectos que se expressam com mais força, dando uma ideia de totalidade, sem jamais sê-lo. Bourdieu afirma que tentar compreender a vida dessa forma linear é absurdo (BOURDIEU, 1996, p. 74-75), por isso ele usa o termo ilusão biográfica para designar esse percurso claro e retilíneo. Tendo isso em vista, traçamos um roteiro político para Manoel da Conceição a partir de uma parte de suas ações políticas.

Este texto retrata parte da história de um camponês maranhense chamado Manoel Conceição Santos, um dos maiores articuladores da luta camponesa em resistência ao Regime Militar. O percurso da sua história retratado neste texto abarca um período de setenta anos, meados dos anos 1930, ano em que nasceu até meados dos anos 2000, ano em que o camponês se candidatou a presidente do Partido dos Trabalhadores – PT. Reconstruímos parte da sua história com base em jornais, revistas, documentos “oficiais” e uma longa entrevista com o protagonista dessa história. O objetivo é mostrar, por meio de um militante, a própria história do movimento de esquerda no estado do Maranhão e no país.

Manoel Conceição começou organizando o sindicato de trabalhadores rurais no vale do Pindaré-Mirim, no Maranhão, posteriormente contribuiu na organização de entidades importantes no cenário nacional como a Central Única dos Trabalhadores - CUT, o Partido dos Trabalhadores – PT e o Centro de Educação e Cultura do Trabalhador Rural - CENTRU. Por suas ações foi perseguido, preso e torturado na ditadura militar, no exílio em Genebra, se engajou, juntamente

* Mestrando pela Universidade Federal do Goiás – UFG e Bolsista pelo Fundo de Apoio à Pesquisa do Estado do Maranhão – FAPEMA.

com outros exilados, na luta contra governos repressivos. Após três anos fora do Brasil, retornou e deu continuidade, até os dias atuais, a luta em favor de uma sociedade mais justa. Trabalha com associações e cooperativas, desenvolvendo atividades que visam o aperfeiçoamento dessas organizações e o bem-estar dos trabalhadores.

Manoel nasceu em 1935 na região de Pedra Grande, no Estado do Maranhão. Sua vida foi marcada pela pobreza, fruto da exclusão político-econômica, nos tempos semelhantes ao do coronelismo, em que o “compadre” da comunidade faz os “favores”, em troca do detrimento da maior parte das terras locais. Além disso, controla o poder de mandar, de escolher, de excluir, cristalizando relações sociais marcadas pelas enormes diferenças.

A família, conseqüentemente o próprio camponês, conheceu essa situação por mais de uma vez. Entre uma expulsão e outra, sua família chegou à cidade de Pindaré-Mirim no Maranhão em 1962. Mais ou menos nessa época, começou a participar de um curso, visando à formação sindical e cooperativa através do Movimento de Educação de Base (MEB). Com isso, ele se afastou da Igreja, na qual chegou a ser professor na escola dominical e auxiliar de pastor. Com isso, seu envolvimento tornou-se cada vez mais intenso nas lutas sindicais, especialmente na esfera da luta camponesa.

Não por coincidência, Manoel da Conceição, como ficou conhecido até hoje, encontrou um grupo de trabalhadores dispostos a fazer a luta por um “mundo melhor”, em defesa dos interesses dos trabalhadores pobres. Por conta disso, fundaram o primeiro sindicato de trabalhadores rurais de Pindaré-Mirim, no qual Manoel foi o primeiro presidente. Nessa região, o sindicato chegou a aglutinar 100 mil trabalhadores rurais, sendo grande parte deles, atuantes em entidades classistas.

Quando se instaurou o golpe militar em 1964, só no sindicato de Pindaré “havia quatro mil camponeses que incomodavam bastante os fazendeiros da região” (SANTOS, 2005, p. 5), pois não se conformavam com a concentração das terras e suas conseqüências. Um dos problemas mais comuns entre trabalhadores rurais e fazendeiros na cidade de Pindaré, se dava com o gado invadindo as roças dos camponeses, comendo o arroz, o feijão, o milho, dentre outros plantios. Cansados desse ocorrido os trabalhadores se juntaram e decidiram denunciar ao prefeito da cidade. Conseguiram, através de pressões, uma lei municipal que coibisse essa prática, bastasse os trabalhadores avisarem quando o gado invadisse suas terras que a prefeitura tomaria providências. Assim os camponeses fizeram por um bom tempo sem perspectiva de resolução prática do problema. (REQUERIMENTO, 2001, p. 3).

Foi nesse momento que os trabalhadores rurais resolveram tomar suas próprias atitudes, matando o gado que destruía as roças, a carne era dividida entre as famílias. Com essa atitude “o sindicato passou a chamar a atenção das autoridades”. Logo após o Golpe Militar, o Governo mandou fechar a entidade, colocando-a na clandestinidade, sabendo da resistência, o governador utiliza vários recursos para tentar intimidar os trabalhadores, principalmente a violência física como as comuns prisões e espancamentos ocorridos.

Mané, como gosta de ser chamado, foi uma das mais perseguidas vítimas do Regime Militar em Pindaré e no Brasil. Como presidente do sindicato, já pela segunda vez, trouxe um médico para sua cidade, objetivando dirimir algumas doenças, principalmente a malária. Logo no primeiro dia de consulta de João Bosco, médico de São Luís, a polícia chegou invadindo o local e atirando, chamaram o presidente do sindicato, que irritado com a situação, chegou a se agarrar com um sargento da polícia, derrubando-o no chão, de repente outro policial chegou atirando, foram três

tiros de revólver no pé esquerdo e dois tiros de fuzil no pé direito, seu membro ficou tão mutilado que não foi possível recuperá-lo (FIUZA, 2005, p. 53).

Isso foi um dos principais motivos para sua viagem à capital, essa transferência foi feita de avião, pois o Governador do estado visava o mais rápido possível amenizar a situação, o policial que havia atirado no pé de Mané, com medo de retaliação dos camponeses afirmou que tinha sido o prefeito e o governador, José Sarney, que o mandaram fazer tal atitude.

Além do tratamento médico, segundo o camponês, Sarney ofereceu cargos políticos e dinheiro em troca de apoio, mas a proposta foi rejeitada. Amputada a perna e feito um melhor tratamento, depois de alguns meses fora resolveu voltar para a sua cidade, junto aos trabalhadores rurais. Os que pensaram que uma perna a menos seria motivo para intimidação, não contaram que isso serviu como um motivo a mais para intensificar a luta em defesa dos trabalhadores. “Minha classe é minha perna”, esse foi o lema de Mané, que ficou internacionalmente conhecido.

No ano seguinte sua perna ainda não estava completamente recuperada, então os trabalhadores fizeram uma arrecadação para um melhor tratamento na cidade de São Paulo. Na mesma época, por meio de entidades de esquerda em nível nacional, Manoel realiza uma viagem em alguns países da Europa, Oriente Médio e China. Nessa viagem passou nove meses, na qual fez um curso de guerrilha na China. Visitou o país observando sua experiência política, chegou à ocasião de ser recebido por Mao Tsé-Tung, um dos principais líderes da revolução comunista chinesa ocorrida em 1949.

Sua viagem à China, para o regime militar significou uma possível proliferação das idéias socialistas no país, principalmente para as zonas mais castigadas pela concentração de riquezas e de privilégios no país. De fato significou, e os meios de comunicação ligados à ditadura sabiam bem disso. Uma tentativa de destruição da imagem perante a opinião pública fazia parte de um projeto de desaparecimento não só da imagem, mas do próprio corpo, como de fato aconteceu com milhares de lideranças em todo o país.

Ao levantar a bandeira de acabar com as desigualdades sociais, econômicas e políticas, por levantar a bandeira de uma sociedade mais justa, ninguém poderia escapar a antipatia daqueles que fariam qualquer coisa para manter a situação de privilégios para as minorias. O objetivo era conseguir sufocar lentamente, até o completo fim dos grupos oposicionistas. De forma compassada, pretendiam ludibriar a opinião pública internacional.

O governo estava disposto a deixar Manoel da Conceição fora de cena, mesmo não tendo nada comprovado contra a pessoa do líder sindical, insistiam na proposição de que ele era subversivo e perigoso. Baseados nessa premissa o prenderam numa cidadezinha de Pindaré, chamada Tufilândia, em janeiro de 1972. O ponto mais agravante, mais forte contra sua pessoa foi que “em seu poder foram encontrados materiais subversivos como livros editados em Pequim (capital da China) em língua portuguesa, de autoria de Mao Tse Tung”¹

Foi detido em junho de 1972, ficaria na capital São Luís, entretanto, imediatamente, o levaram para o Rio de Janeiro, um local de tortura clandestino do governo, nesse local passou alguns meses, nos quais sofreu as piores torturas possíveis. A primeira ação dos torturadores foi tirar a

¹ Essa informação foi extraída de um documento da Casa Militar, subsecretaria de inteligência, cedida em 1998 a pedido de Manoel. Em outros documentos não foi encontrado nada consistente, apenas suposições e a alegação é sempre no sentido de colocá-lo como um homem perigoso que juntou bandos armados para fazer a destruição em vários níveis.

perna mecânica a fim de limitá-lo em movimentos simples. Em seguida, vários tipos de tortura: choques, espancamento e pressões psicológicas.

Cenas como essas e muitas outras piores, se repetiram várias vezes, quando a vítima se encontrava próximo de não agüentar mais, eles o levavam ao hospital, lhe davam banho de gelo para espalhar o sangue roxo provocado pelas pancadas. Uma vez o colocaram com outro preso político e Manoel pediu a ele que espalhasse a notícia de que estava nas mãos do governo. Até então ninguém sabia ao certo seu paradeiro, não sabiam se realmente estava vivo ou morto. Foi realizada uma intensa campanha em favor de sua liberdade (e de outros presos) em todo o país e por algumas partes do mundo.

A campanha em defesa de Manoel da Conceição chegou a várias partes do mundo, formaram-se vários comitês, especificamente 18 nos Estados Unidos pelas Igrejas Evangélicas, da mesma forma, a Igreja Católica em países da Europa: Inglaterra, Itália, Suíça, França e Alemanha. De todas essas localidades, enviavam-se cartas ao governo Médici, clamando pela liberdade de presos como Manoel da Conceição. Em uma dessas centenas de cartas que o governo recebeu, estava um telegrama enviado pelo Papa Paulo VI conclamando pela vida e pela liberdade do camponês maranhense.

Em 1975 o líder camponês saiu da cadeia, logo após ter sido condenado a três anos de prisão pela auditoria militar, além dos direitos políticos suspensos por uma década. Os direitos políticos não eram tão interessantes para Manoel naquele tempo, pois nem mesmo tinha documento para votar, enquanto aos três anos de condenação, já estava a mais de três anos preso, o que restou foi sua soltura. Depois disso, sua advogada recorreu ao Superior Tribunal Militar e lá não encontraram nenhuma prova das acusações que fizeram contra ele, ironicamente foi absorvido. Logo após a liberdade, foi para São Paulo fazer um tratamento médico, pois os espancamentos, bem como outras formas de torturas, marcaram somática e psiquicamente a pessoa de Manoel da Conceição.

Ao sair do hospital, foi morar na casa de alguns religiosos católicos, sob responsabilidade do presidente da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Em Osasco, Manoel imaginou que dali por diante teria um pouco mais de paz e tranquilidade. Infelizmente, mais uma vez foi surpreendido, em um dia qualquer, inesperadamente, a casa dos padres foi invadida por dois homens desconhecidos. Foi levado direto para a Delegacia Especializada de Ordem Pública e Social - DEOPS e foi colocado em uma cela, que mal cabia uma pessoa. Chegando lá foi, mais uma vez, barbaramente torturado. Apesar de ter sido menos intensa que outras vezes, sofreu bastante, recebeu socos no rosto, no estômago, choques elétricos por todo o corpo. Toda essa sistemática forma de mutilação do corpo era acompanhada de muitas pressões psicológicas, repetindo-se por um período de 45 dias ininterruptos.

Ao sair do DEOPS Manoel ficou sob proteção das Igrejas católica e presbiteriana, além da proteção da Anistia Internacional. Essas entidades prepararam todas as condições necessárias à partida de Manoel ao exterior. Genebra, capital da Suíça foi o local propício para o exílio, como de fato aconteceu em março de 1976.

Ao chegar à Suíça, Manoel se engajou nas lutas de acordo com as condições disponíveis. Entre 1976 e 1978 trabalha para aglutinar os sindicalistas que estavam na mesma situação de refugiados em vários países europeus. Nesse meio tempo apesar da pouca educação formal, realiza palestras sobre regimes ditatoriais como o brasileiro, e sobre direitos do homem. Essas discussões foram feitas com o apoio da Anistia Internacional na França, Alemanha, Itália, Bélgica, Holanda e na Argélia, país Africano.

Durante três anos de exílio, o líder sindical não deixou de denunciar para o mundo, a situação que o povo brasileiro passava nas mãos dos governos militares: nossos trabalhadores, estudantes, professores, artistas, líderes políticos foram duramente reprimidos por se oporem ao governo. A “manutenção da ordem” era mais importante que a manutenção do bem estar da sociedade brasileira.

Em 1979, os exilados puderam voltar à sua terra, entre os favorecidos, alguns preferiram ficar por mais tempo. Muitas vezes, foi uma forma de recuperar melhor o trauma da perseguição. Manoel na sua primeira oportunidade retorna. Na chegada é esperado por milhares de pessoas no aeroporto, assim como outros exilados. Seu retorno de forma alguma significou a inércia de suas atividades na luta por um país melhor, a pouca abertura política concedida, sob pressão nacional e internacional, foi apenas mais uma oportunidade de luta.

Juntou-se a vários outros militantes da mesma causa para a organização de uma entidade que tivesse força para brigar, dentro dos princípios legais burgueses, em favor dos trabalhadores. Esse grupo formou a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que hoje apesar de seus enormes problemas, é uma das maiores entidades do Brasil, criada por trabalhadores. No mesmo ano, já em Pernambuco sente a necessidade de organizar uma entidade específica para trabalhadores rurais, encontrando outros companheiros com o mesmo propósito, juntou-se na fundação do CENTRU, a lógica dessa entidade era o melhoramento da vida dos trabalhadores rurais, a partir de sua auto-organização.

O CENTRU começou com três categorias de contribuintes: primeiro a dos Trabalhadores Rurais que deveriam identificar os problemas e necessidades dos trabalhadores e deveriam vislumbrar seus horizontes; a outra categoria era a dos trabalhadores na instância prático-intelectual, o objetivo era contribuir com os trabalhadores, na realização de projetos, sua missão não é apontar o que os trabalhadores devem fazer, mais devem se pautar em ajudar a definir e realizar determinados objetivos; a terceira categoria era composta daqueles participantes de honra com uma função basicamente teórica. Entre esses contribuintes passaram algumas pessoas de renome nacional e internacional como Paulo Freire, Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente, à época, da CNBB, e vários intelectuais. Para Manoel da Conceição uma entidade como essa é de fundamental importância porque “O trabalho empírico por si só vai encontrar dificuldades para vislumbrar seus horizontes; o trabalho intelectual sem o mínimo de concretude se perde no irrealismo” (SANTOS, 2005, p. 3).

No ano seguinte, Manoel participou de uma equipe na qual acreditava que a luta institucional no campo partidário poderia contribuir bastante para o objetivo de uma sociedade justa, socialista, pois a conquista dos espaços burocráticos, a conquista das instâncias de poder em escalas pequenas pode significar uma gradual conquista do poder em escala macro. Na visão de Mané a luta armada que foi um elemento decisivo em outros países, que fizeram uma revolução em favor dos trabalhadores, a exemplo da Rússia em 1917, China em 1949 e em Cuba em 1959 que fizeram o levante pelas armas, não daria certo no Brasil.

A criação de um partido político criado e dirigido por trabalhadores deveria ser uma alternativa recomendável, foi o que fizeram os primeiros fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT), dentre eles, Manoel da Conceição, terceiro filiado do partido, e muitos outros pelo Brasil afora. Manoel acompanhou especialmente a fundação do PT no nordeste que começou pelos Estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte e Paraíba. Sua atuação, especialmente, se intensificou mais nessa Região, foi o primeiro presidente em Pernambuco em 1982, antes, foi o segundo vice-

presidente no estado de São Paulo. No mesmo ano em que foi presidente do partido em Pernambuco se colocou a disposição para ser candidato a governador do estado. Um conjunto de fatores impediu Manoel da Conceição chegar a uma vitória nessa eleição. Entretanto, não cabe aqui fazer uma análise dos motivos da não vitória, pois o mais importante é compreender os fins, mais que os meios.

Dois anos depois, já na cidade de Imperatriz no Maranhão, ele se reúne e discute com outras pessoas uma ramificação do CENTRU no Maranhão. Graças a essa entidade foram criadas e organizadas associações e cooperativas pelo Maranhão, com a ajuda de recursos provindos de ONGS, órgãos governamentais brasileiros e estrangeiros. A partir do CENTRU foi possível a criação da escola sindical Padre Josimo,² que desenvolveu uma proposta de capacitação em cooperativas e a implantação de culturas permanentes em oito municípios do Maranhão.

No início da década de noventa, o líder camponês é um dos articuladores para a criação do Centro Nacional de Apoio as Populações Tradicionais (CNPT). Paralela a criação desta entidade, se coloca como um dos defensores e articuladores na criação da primeira reserva extrativista da Região Tocantina, a reserva do Ciriaco. O CNPT, desde a fundação acompanha a reserva na elaboração de projetos, bem como em outros fatores relacionados à organização política e econômica da reserva. Além disso, o este órgão acompanha outros grupos de populações tradicionais pela região e defende a criação da nova reserva extrativista, a da Mata Grande (em processo de realização) nas proximidades de Imperatriz.

No mesmo ano participou da articulação da Rede Frutos do Cerrado em dez municípios, sendo apenas um no Tocantins. Esse projeto visa o desenvolvimento da cultura dos produtos nativos dessa região, visando, além do cultivo, a preservação e a defesa contra os devastadores que visam mais o lucro imediato que a preservação das riquezas vegetal e animal.

Em 1994, lança-se a candidatura a senador pelo PT, no Maranhão, sem perder os princípios políticos que sempre defendeu sua vida inteira, apesar de não ter sido eleito, teve a simpatia de 111 mil eleitores que votaram no projeto defendido por ele. Três anos depois, torna-se coordenador nacional do CENTRU, além da coordenação maranhense, fez parte ainda do Conselho Nacional dos Seringueiros.

Depois dessa campanha política, praticamente não esteve envolvido com o partido na esfera burocrática. Seus trabalhos, desde então, têm se dado mais no âmbito social, não partidário, pelo menos de forma direta. Manoel tem se dedicado bastante às atividades de organizar cooperativas no Maranhão, desde 1992 vem tentando consolidar um projeto de criação de pequenos animais acompanhado de implantação de culturas permanentes, na ótica do cooperativismo. Para fortalecer essa proposta, ele vem trabalhando com outras lideranças, os Grupos de Produção de Base (GPB's), com esse tipo de organização as pessoas começam se organizando em quantidades pequenas para discutirem o que é melhor para a comunidade. Isso faz parte de uma prática que Manoel aprendeu em seus vários anos de convivência com movimentos e entidades classistas. A organização começa abrangendo poucas pessoas, depois associações, cooperativas e daí por diante.

Manoel participou diretamente da criação de oito cooperativas, que na sua forma de ver, é um instrumento imprescindível para o desenvolvimento de uma sociedade, de forma mais harmoniosa. Foram criadas as cooperativas de Imperatriz, João Lisboa, Amarante, Montes Altos, Estreito,

² Padre Josimo foi um padre que morreu na região do bico do papagaio assassinado por fazendeiros, insatisfeitos com a luta do padre em favor dos da reforma agrária.

Riachão, São Raimundo das Mangabeiras, Loreto e Balsas. Sem contar com a atuação indireta da criação das cooperativas de Viana e Caxias. Todas no sul do Maranhão.

Na sua ótica as entidades que lutam pelos trabalhadores rurais, devem aproximar-se mais das cooperativas, assim ele acredita que há mais chances de fortalecer essas cooperativas e oferecer maiores vantagens aos trabalhadores. Sem a aproximação de entidades e grupos afins, ele não acredita que possa algum trabalho social se desenvolver de forma eficiente, sempre correrá mais risco de fracassar.

No ano de 2002, Manoel participou da criação da Central de Cooperativas do Maranhão, com o intuito de fortalecer os laços do cooperativismo no estado, conseqüentemente, consolidar valores solidários entre os agricultores. Ao lado da participação na esfera da cooperativa, procurou se engajar em atividades com a mesma bandeira como a Rede Frutos do Cerrado que busca o desenvolvimento e preservação das frutas nativas com objetivo de proporcionar bem estar aos trabalhadores do Sul do Maranhão. Também se engajou na luta em favor da “economia solidária” (movimento de cunho internacional), intimamente relacionada à sua prática, fazendo parte do Conselho Nacional e da Comissão Gestora do Estado. A intenção é concretizar um modelo alternativo de sobrevivência material e cultural para as sociedades marginalizadas economicamente.

Enquanto a participação partidária, desde a fundação do PT Manoel participa de suas atividades, concorrendo a mais uma eleição para presidente estadual do Partido em 2005 na qual perdeu, com suas propostas de reestruturação do partido. Após isso, tem-se dedicado mais em atividades do CENTRU e da CCAMA (Central de Cooperativas Agro-extrativistas do Maranhão). Ele vê um enorme problema a respeito de grande parte dos envolvidos no partido, é o fato de se afastarem dos movimentos sociais, da mesma forma as pessoas ligadas aos movimentos. (Santos, 2005, p. 7) Uma das causas atribuídas é que a prática do Partido dos Trabalhadores não está, de acordo com seus princípios, propostos em sua origem.

Para muitas pessoas falar de uma sociedade justa é sinônimo de arcaísmo, é algo ultrapassado e que não há mais possibilidades de dar certo, é mais fácil viver o individual e pregar o fracasso das tentativas. Para Mané as pessoas perderam a capacidade de sonhar. Ele vive e acredita nessa sociedade, não apenas observando, mas contribuindo ativamente para esse projeto de melhorar o mundo.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.
- JORNAL. Caruaru Debate. 28.08 a 03.09. 1982.
- JORNAL. Diário de Pernambuco. 21 de setembro de 1972.
- JORNAL. Le Monde. 24.04.1976.
- JORNAL. O Diário Internacional. 26 de março de 1976.
- LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo Enxada e Voto. 5 ed. São Paulo: Editora Alfa-Ômega, 1975.
- LUNA, Regina Celi Miranda Reis. A Terra era Liberta. São Luís: UFMA/Séc. Educação, 1984.
- MARTINS, José de Sousa. Expropriação e Violência: a questão do campo. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1982.
- REVISTA. FIUZA, Alex. Teoria e Debate. Revista Bimestral da Fundação Perseu Abramo – Ano 18, n. 6. fev/mar 2005.

REQUERIMENTO. de Manoel Conceição Santos à Comissão Especial da Lei Estadual. 10.726/2001.

SANTOS, Manoel Conceição. Entrevista em 06.07.05 a Raimundo Lima dos Santos no CENTRU, Imperatriz.

SANTOS, Raimundo Lima dos. A (não) Reforma - Agrária de FHC: problemas e desafios no Assentamento Alegria. Imperatriz: Ética, 2007.

SCHIMIDT, Benício Bisso. Revista Estudos Históricas, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19. 1997.